



VOZ DA FÁTIMA

Começou um novo ano. O Santo Padre determinou, há cinco anos, que o dia 1 de Janeiro de cada ano seja consagrado, de modo especial, à oração pela paz. Mas não podemos limitar-nos a trabalhar pela paz só naquele dia. Continuemos, portanto, a rezar por esta intenção. Lembremo-nos, porém, que a paz assenta na justiça. Respeitemos os direitos alheios e demos a cada um aquilo a que tem direito. Só, assim, poderá estabelecer-se no mundo a paz tão desejada.

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO XLIX N.º 592
13 DE JANEIRO DE 1972
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA PAULO VI PARA A CELEBRAÇÃO DO «DIA DA PAZ» (1 DE JANEIRO DE 1972)

Homens de pensamento, homens de acção, homens todos que viveis no ano de 1972: acolhei uma vez mais o nosso convíte para celebrar o Dia da Paz.

Voltamos de novo à reflexão sobre a Paz, na convicção de que ela é, neste mundo, um bem essencial e basilar para a humanidade, de que é o expoente máximo da civilização, do progresso, da ordem e da fraternidade.

Estamos convencido de que a ideia da Paz domina e deve sempre dominar sobre as vicissitudes humanas; e, mais ainda, que ela se torna mais premente aonde e quando as ideias ou os factos a contrariem. É uma ideia necessária, é uma ideia imperativa, é uma ideia inspiradora. É uma ideia que polariza as aspirações do homem, os seus esforços e as suas esperanças. Tem razão de fim; e, como tal, está na base e no termo da nossa actividade individual e colectiva.

A IDEIA EXACTA DA PAZ

Julgamos assim de extrema importância ter da Paz uma ideia exacta, liberta dos preconceitos que tantas vezes a revestem, deformando-a e desvirtuando-a.

Começaremos por dizer — e aos jovens em primeiro lugar — que a Paz não é, na vida, factor de estagnação, como se a vida nela devesse encontrar ao mesmo tempo a perfeição e a morte. Não. A vida é dinamismo, é crescimento, é trabalho, é esforço, é conquista... E a Paz não será também tudo isto? É-o, certamente, e pela simples razão de que ela coincide com o bem supremo do homem caminheiro no tempo, bem que nunca está totalmente conquistado, mas se vai possuindo de forma sempre nova e inexaurível. A Paz é, consequentemente, a ideia central e animadora dos mais dinâmicos compromissos.

A PAZ NÃO ASSENTA NA FORÇA

Não quer isto dizer que a Paz coincida com a força. É o que queremos significar especialmente aos homens com responsabilidades — àqueles sobre quem pesam a preocupação e o dever de assegurar a normalidade nas relações entre os

membros do mesmo grupo humano (família, escola, empresa, comunidade, classe social, cidade, Estado) — pois sobre eles paira constantemente uma tentação: a de alcançarem tal normalidade, que tem as aparências da Paz, pela via da força. Sempre que assim acontece, a ambiguidade da convivência humana torna-se em tormento e corrupção dos espíritos; e a vida processa-se num clima de hipocrisia, fruto de ingloria dominação, de brutal despotismo, de sufocante repressão, ou de equilíbrio de forças em permanente confronto, no temor de terrível explosão que, ao dar-se, patenteia, em ruínas de toda a espécie, quão falsa é a paz que unicamente se impõe pela supremacia do poder e da força.

A Paz não é uma armadilha (cf. Job 15, 21). A Paz não é mentira arvorada em sistema (cf. Jer. 6, 14). Muito menos é tirania totalitária e desumana; e menos

ainda é violência; ao menos a violência nunca ousa usurpar o nome augusto da Paz.

É difícil, mas é necessário chegar ao verdadeiro sentido da Paz. É difícil a quem fechar os olhos à intuição nata que segreda o carácter profundamente humano da Paz. E aqui se encontra a boa via que leva à autêntica descoberta da Paz. Se procurarmos saber de onde é que ela realmente provém, descobrimos que lança as suas raízes no mais profundo do sentir sincero do homem. Uma paz que não resulte dum verdadeiro respeito pelo homem, não é paz verdadeira. E que nome damos a este sentir sincero do homem? Damos-lhe o nome de Justiça.

A PAZ TEM POR BASE A JUSTIÇA

E a Justiça não será como deusa imóvel no seu pedestal? É-o, sim, naquelas suas expressões a que cha-

mamos direitos e deveres, e que encontramos inscritas em respeitáveis códigos — as leis e os pactos — que levam a uma estabilidade de relações sociais, culturais e económicas, que não é lícito infringir: ela é ordem, ela é paz. Mas se a Justiça, naquilo que é e naquilo que deve ser, se concretizasse noutras expressões mais adequadas, diferentes das que vigoram, que sucederia?

Antes de responder, perguntemos se tal hipótese — a dum desenvolvimento da consciência da Justiça — será admissível, será viável, será desejável?

Sim. E está aqui um facto que caracteriza o mundo moderno e o distingue do antigo. Hoje em dia, a consciência da Justiça progride. Não há ninguém, assim julgamos, que conteste este fenómeno. Não nos deteremos a fazer aqui a sua análise; mas sabemos todos que,

● Continua na pág. 2

OS ÍCONES MARIANOS NOS SELOS DO CORREIO



Selo com a Virgem e o Menino numa série que circulou no correio do campo de prisioneiros da guerra de 1939/45, em Pleskau, na Rússia

A entronização na Fátima do célebre ícone de Nossa Senhora de Kazan veio despertar o interesse pelo conhecimento da arte do ícone que ocupa nos povos orientais um duplo aspecto; o seu sentido profundamente religioso e o incomparável sentido artístico.

O ícone provém das pinturas e frescos antigos e difundiu-se e floresceu na Ásia Menor, em Bizâncio, na Síria e na Palestina.

A escola bizantina é a mãe de todas as escolas de ícones.

A pintura dos ícones chegou à Rússia com o cristianismo, cinco séculos antes da queda de Constantinopla e atingiu o seu apogeu na Idade Média, quando se chamava já a esta nação a Santa Rússia.

Três ícones venerandos dominam a história religiosa do povo russo: Nossa Senhora de Vladimir, Nossa Senhora de Ibéria ou Iver e Nossa Senhora de Kazan. Pode dizer-se, depois de folhear rapidamente a história do povo russo, que estas três imagens sintetizam a devoção do povo da Rússia a Nossa Senhora, a ponto de se chamar «Terra de Maria». Por toda a vasta região russa se levantam igrejas dedicadas à Mãe de Deus e antes do comunismo a grande maioria dos mosteiros era dedicada a Nossa Senhora.

O culto mariano remonta a S. Vladimiro, nos fins do século IX. Há na igreja russa mais de 290 festas em honra da Mãe de Deus. Mesmo nos nossos dias o calendário da igreja ortodoxa, publicado pelo patriarcado de Moscovo, comemora todos os dias a festa de algum dos ícones mais miraculosos da Santíssima Virgem.

O ícone mais famoso de toda a Rússia é, sem dúvida, o de Nossa Senhora de Vladimir, padroeira do Império russo. De origem bizantina, foi oferecido ao Príncipe Jorge Dolgorulki, em 1128, pelo Patriarca de Constantinopla, Lucas Crisobergaes. É de autor desconhecido, embora a legenda diga que o autor terá sido São Lucas Evangelista. O Príncipe Dolgorulki colocou a veneranda imagem no convento de Vishgorod, perto de Kiev. No ano de 1167 foi transferida por seu filho Andera, chamado o Bogoliuzki (amante de Deus) para a pequena igreja de Pokrov, a 200 quilómetros a Nordeste de Moscovo, na cidade de Vladimir, de que tomou o nome, sendo

hoje conhecida mundialmente pela Mãe de Deus de Vladimir.

Bem depressa à volta do ícone se reuniu todo o povo em fervorosa oração, obtendo inúmeras graças. Foi construída em sua honra a catedral da Assunção. Aqui ficou o ícone até 1395 quando o exército de Tamerlão invadiu Moscovo; o grão-duque Basílio fê-lo transferir para ali. Os tártaros foram repellidos. Mais tarde, no Kremlin, foi edificada a mais bela catedral do mundo «Uspenski Sobor» (a catedral da Assunção), para receber o sagrado ícone de Nossa Senhora de Vladimir.

Os czares eram coroados diante desta imagem que era conduzida em procissão pelas ruas de Moscovo.

O ícone de Nossa Senhora de Vladimir faz parte integrante da história do povo da Rússia até aos fins de 1919, data em que, depois da revolução bolchevista, foi retirado para a galeria Tretyakov, o Museu Nacional Soviético de Moscovo.

Se a Virgem de Vladimir é a padroeira do império russo, Nossa Senhora de Ibéria, ou Iver, é a Padroeira de Moscovo. Venerada numa sumptuosa capela à entrada da Praça Vermelha, parecia presidir dali aos destinos do povo russo. Dois soldados, de cabeça descoberta, constituíam, dia e noite, a sua guarda. De vez em quando, deixava o seu trono para, num coche real, ser levada às casas particulares para a bênção dos doentes. Com o comunismo também esta célebre imagem deixou o seu santuário para ir parar ao Museu de Moscovo. Foi no seu santuário, demolido pelos bolchevistas, que em vez da veneranda imagem se fixou o infamante distico: «A religião é o ópio do povo».

Nossa Senhora de Kazan, cujo ícone ma-

● Continua na pág. 2

MENSAGEM DO PAPA PARA O «DIA DA PAZ»

Vem da pág. 1

presentemente, graças à difusão da cultura, o homem, cada homem, tem de si uma consciência nova. Cada homem sabe hoje que é pessoa e sente-se pessoa, ou seja, que é um ser inviolável igual aos demais homens, que é livre e responsável; numa palavra, que é sagrado. Assim, uma percepção nova e mais exacta, que o mesmo é dizer mais profunda e exigente, da diástole e da sístole da sua personalidade — duplo impulso moral do direito e do dever — domina a consciência do homem; e desta forma brota-lhe do coração uma Justiça, não já estática, mas dinâmica. Tal fenómeno não é apenas individual ou exclusivo de pequenos grupos escolhidos, mas, sim, um fenómeno colectivo e universal. Os países em vias de desenvolvimento apregoam-no em alta voz; é a voz dos povos e da humanidade a reclamar nova expressão da Justiça, nova base para a Paz.

Porque será então que, estando todos convencidos desta irreprimível maneira de ver as coisas, teimamos em dar à Paz base diferente da Justiça?

JUSTIÇA NAS NAÇÕES E NO MUNDO

Como foi sublinhado na recente Assembleia do Sínodo dos Bispos, porventura não se fará sentir ainda a necessidade de instaurar maior Justiça no seio das comunidades nacionais e no campo internacional? Será justo, por exemplo, que haja populações inteiras, às quais não é permitida a expressão livre e normal do mais sagrado direito do espírito humano, o direito religioso? Qual é a autoridade, qual a ideologia, qual o interesse histórico ou civil que pode arrogar-se reprimir ou sufocar o sentimento religioso na sua legítima e humana (não dizemos supersticiosa, nem fanática, nem turbulenta) expressão? E qual o nome com que designaríamos a paz que se pretendesse impor calcando esta primordial Justiça?

E se outras formas indiscutíveis de Justiça — nacional, social, cultural, económica... — fossem lesadas, poderíamos afirmar que era paz verdadeira essa que resultasse dum processo de prepotência, que era paz estável, ou que, mesmo sendo-o, era paz justa e humana? Não fará parte da Justiça procurar que cada país venha a estar em condições de promover o próprio desenvolvimento, dentro do quadro duma cooperação isenta de quaisquer intenções ou cálculos de dominação, tanto económica como política? O problema apresenta-se extremamente grave e complexo; e não temos o direito de o tornar mais melindroso, tanto mais que não temos possibilidades de lhe dar a solução prática: não é das atribuições de quem fala desta sede.

PAZ PELA JUSTIÇA

O que é próprio desta sede, sim, é dar ao convite que fazemos a

celebrar a Paz, o cunho de convite à prática da Justiça. *A Paz é obra da Justiça* (cf. Is. 32, 17). Isto mesmo o queremos hoje repetir: «Se queres a Paz, trabalha pela Justiça».

Trata-se dum convite que não desconhece as dificuldades que há em praticar a Justiça; primeiramente em defini-la, para lhe dar em seguida cumprimento — o que não será possível sem algum sacrifício do prestígio e interesse pessoais. Há talvez maior magnanimidade em ceder às razões da Justiça e da Paz do que em lutar para fazer prevalecer, contra um adversário, o próprio direito, autêntico ou presumido.

A Nossa confiança é tão grande em que os ideais coligados da Justiça e da Paz hão-de conseguir, por sua própria virtude, despertar no homem moderno as energias para promover uma e outra, que de todo confiamos na sua vitória progressiva. Mais ainda: a nossa confiança é tanto maior quanto espe-

Ícones Marianos nos Selos

Vem da pág. 1

ravilhoso se encontra agora na Fátima, é uma das imagens mais famosas da veneração do povo da Rússia. Esta imagem foi encontrada miraculosamente, nas cinzas do incêndio que destruiu grande parte da cidade de Kazan. A fama do acontecimento e dos milagres que operava espalhou-se rapidamente pela Rússia inteira. A sua popularidade e devoção invadiam todo o povo. Uma cópia dessa imagem foi colocada na catedral de S. Petersburgo que viria a converter-se no santuário mariano mais famoso de toda a Rússia.

Os comunistas transformaram a catedral num Museu anti-religioso.

O ícone de Nossa Senhora de Kazan está envolto em devoção por parte de católicos e ortodoxos russos. Não se sabe como foi parar à América do Norte. A verdade é que a sua presença na Fátima parece simbolizar a actualidade das palavras de Nossa Senhora de referência à Rússia em 1917, quando apareceu na Fátima.

Em 13 de Outubro de 1947, o Sr. Bispo de Leiria benzia uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, que foi levada para a América do Norte e entregue mais tarde ao P.^o Brassard, nossa altura capelão católico do Corpo Diplomático em Moscovo e a levou para a capela da Embaixada do seu País na capital russa. Celebrava diariamente diante desta imagem. Era a presença da Virgem da Fátima na Rússia. Em 1970, Nossa Senhora de Kazan passa a ter o seu santuário na Domus Pacis (sede internacional do Exército Azul) na Fátima. Não será o prenúncio do triunfo do Imaculado Coração de Maria e da conversão da Rússia, anunciados na Fátima em 1917?

Porém, era dos ícones nos selos do correio que desejaríamos falar. E como os selos marianos estão a contribuir para o fomento da união dos povos e das religiões!...

Aparecem-nos selos de Chipre, Bulgária, Jugoslávia, Vaticano, Grécia, Checoslováquia, Polónia, com magníficas reproduções de fragmentos de mosaicos, quadros de pintores célebres, frescos murais, de igrejas, capelas, nichos, com a figura da Virgem, sob diversas invocações, a fazerem-nos reviver toda a grandiosidade da arte bizantina e da liturgia ortodoxa.

O primeiro selo de motivo mariano emite-se na Rússia, em 1905, reproduz a catedral da Assunção (Kremlin) de Moscovo. Em 1913, os correios russos emitiram dois selos: um com a catedral da Anunciação, de S. Petersburgo, e outro com a catedral da Assunção, emissões que circularam no império dos zares. Desta data até 1946 os catálogos não registam qualquer selo com motivo cristão que tivesse circulado na

ramos que o homem moderno consiga, por si próprio, uma tal inteligência das vias da Paz, que acabe por se tornar o promotor da Justiça que franqueia essas vias e leva a percorrê-las com animosa e profética esperança.

São estes os motivos que Nos levam, uma vez mais, a lançar o convite para a celebração do Dia da Paz.

Aos Irmãos e Filhos da nossa Igreja Católica dirigimos este apelo: é preciso levar aos homens de hoje uma mensagem de esperança, através da fraternidade vivida e do esforço sério e perseverante por uma Justiça maior e mais concreta. Este apelo está em lógica conexão com as palavras do recente Sínodo dos Bispos sobre a «Justiça no Mundo»; e sente-se forte com a certeza de que «Cristo a nossa Paz» (cf. Ef. 2, 14).

Em 8 de Dezembro de 1971

PAULO PP. VI

História dum Terço

A história é autêntica e passou-se em Berlim.

Certo senhor foi convidado por um seu amigo para dar um passeio num carro a estrear. Mal tomou lugar no automóvel ao lado do amigo, disse-lhe:

— Meu caro Carlos, gostava de te oferecer uma mascote para o teu carro. Um urso? Um macaco? Diz-me do que gostas mais.

Carlos tira do bolso um terço de prata:

— Aqui está o meu talismã— responde. Ouve a sua história.

Quando fui mobilizado em 1943, minha mãe deu-me um terço. Ao ser feito prisioneiro, na Holanda, encontrei-me com um escocês. «Tu és católico? — diz-me ele, radiante ao ver o meu terço — Eu também sou».

E para que eu não tivesse dúvidas, mostrou-me o seu terço.

No caminho, como eu percebia o inglês, explicou-me: — «Foi-me oferecido pela minha mãe; quando estou de guarda, rezo-o. Tu também o rezas?»

Respondi que sim.

«Nesse caso — continuou ele — nós rezamos à mesma mãe; somos irmãos!»

Ao chegarmos ao campo de concentração, ele, efectivamente, cuidou de mim, como se fosse seu irmão de sangue. Nas vésperas de sermos transferidos para outro campo, chamou-me à parte e pediu-me que eu trocasse o meu terço pelo dele.

— «Há-de ser uma recordação», disse-me quando eu acedi ao seu desejo, ao mesmo tempo que, com toda a força, me apertava a mão.

Depois disso, trago sempre comigo este terço... Foi o sinal da nossa fé comum, o instrumento da união no meio do que estava separado.

(Da revista «L'Appel du Coeur de Marie»)

Graça de Nossa Senhora

Rosa de Jesus Pires Reis, Coimbra, relata: «Minha mãe há 10 anos que apanhou uma infecção numa perna, motivada por varizes. Foi observada por um ou mais clínicos que recitaram alguns medicamentos. O tempo passou-se e as melhoras não vinham. Dava a impressão de que o mal se agravava. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima que ouviu os meus pedidos, pois a minha mãe, estando de cama, sem poder andar, no mês de Abril, e estando mal de Fevereiro a Agosto, no fim deste mês viu-se completamente curada, o que atribuo a uma graça de Nossa Senhora da Fátima. Agradeço ainda a Nossa Senhora o desaparecimento dum caroço que meu filho mais novo tinha no pescoço».

A mulher cairia em desespero, se a natureza a fizesse como a moda a apresenta.

(M.^{ELLE} DE LESPINASSE)

FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

Bem-aventurados os limpos do coração

JESUS, durante a Sua vida na terra, mostrou predilecção especial pelos corações puros. Os Seus maiores amigos foram as almas virgens: Sua Mãe Imaculada, Seu Pai adoptivo, o castíssimo São José, São João Baptista «cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe» (Lucas 1, 15) e mártir da castidade (Marcos 6, 17-29), São João Evangelista, o apóstolo virgem, o discípulo predilecto, que na Ceia descansou a sua cabeça no peito do Senhor (João 13, 25) e a quem Ele, ao morrer, confiou a Sua Mãe (João 19, 27). Se é certo que Jesus Cristo elevou o matrimónio à dignidade de sacramento, não é menos certo que levantou muito mais alta a bandeira da virgindade conservada por amor do Reino do Céu. É tal o seu valor que nem a todos foi dado compreender a sua beleza, «mas só àqueles a quem foi concedido» (Mateus 19, 11). Os que a seguem «serão como anjos de Deus no céu» (Mateus, 22, 30) e lá gozarão eternamente do prémio reservado aos corações virginais, como nos assegura o Discípulo amado (Apoc. 14, 4).

A Virgem Maria mostra as mesmas predilecções que seu Divino Filho. Ama tanto a virgindade que parece tê-la preferido ao próprio privilégio de ser Mãe de Deus (Lucas 1, 34). Quando do Céu volta à terra escolhe para seus confidentes os corações puros. Santa Bernadette, a vidente de Lourdes, era tão pura como os cordeirinhos brancos que apascentava nas colinas de Bartrès. Pouco antes de falecer, declarou ingenuamente que durante toda a vida nunca tinha querido cometer nenhum pecado. Partiu deste mundo com a candura da inocência baptismal.

Puros também eram os pastorinhos com quem a branca Senhora conversou na Fátima. Por isso com razão nós cantamos:

*Que desceste lá dos céus
A falar aos pastorinhos,
Inocentes, pobrezinhos,
Ó Mãe nossa e Mãe de Deus.*

Porque eram puros e inocentes é que certamente a Santíssima Virgem os preferiu a tantas outras crianças.

A Lúcia conta que o «santo» Padre Cruz, depois de ouvir a sua primeira confissão, lhe disse: «Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo, guarde-a sempre pura para que Ele possa continuar nela a Sua acção divina».

A conselho do mesmo «santo» sacerdote foi logo a seguir ajoelhar-se aos pés de Nossa Senhora pedindo-Lhe que tomasse para sempre conta do seu coração. Com a protecção da Virgem Santíssima, com a boa educação de sua mãe e o exemplo da Jacinta, conseguiu guardar inviolável o que a Maria prometeu.

Confessa ela referindo-se à acção exercida sobre a sua alma pela pe-

quenina prima: «À sua companhia devo, em parte, a conservação da minha inocência».

A Jacinta passou também pelo mundo, como anjo de pureza sem se manchar com o lodo do pecado.

O Dr. Carlos de Azevedo Mendes, após uma visita à Fátima no dia 7 de Setembro de 1917, assim a descreve em carta para aquela que viria a ser sua esposa: «Observei-a então muito à vontade. Afirmando-te que é um anjo».

Várias pessoas da Fátima, que um dia a contemplaram a dormir na casa do Senhor José Alves, da Moita, exclamavam, tomadas de religioso respeito: — Isto deve ser um anjo!

Em Lisboa, a Madre Maria da Purificação Godinho, que a recebeu no seu Patronato, perguntou-lhe certa vez:

— «Que queres tu ser, Jacinta?

— Eu ia com muito gosto para o convento; mas gosto mais ainda de ir para o Céu. Para ser religiosa é preciso ser muito pura na alma e no corpo.

— E tu sabes o que é ser pura?

— Sei, sei. Ser pura no corpo é guardar castidade; e ser pura na alma é não fazer pecados... A Mãe de Deus quer mais almas virgens, que

se liguem a Ela pelo voto de castidade». (Depoimento da Madre Godinho).

A pequenina vidente encantou e encanta a Deus e aos homens com a candura da sua inocência e o perfume da pureza.

Quase o mesmo se poderia afirmar do Francisco, que desde pequenino procurou manter a sua alma ileso da maldade do mundo e que à hora da morte só se recordava de pequeníssimas faltas, cometidas durante toda a vida. Oicamos como a Lúcia o pinta:

«Sempre a sorrir, sempre amável e condescendente. Brincava com todas as crianças, indistintamente, não reprendia a ninguém. Apenas às vezes se retirava quando via que alguma coisa não estava bem. Se lhe perguntavam porque se ia embora, respondia: — Porque vocês não são bons».

Podemos, pois, repetir que a Virgem Imaculada, que como Jesus tanto ama a pureza, escolheu estes três pequeninos para seus confidentes porque eram «inocentes, pobrezinhos». «Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus». (Mateus, 5, 8).

P. FERNANDO LEITE

A «Voz da Fátima» ajuda a santificar o sofrimento

Cortegaça, 20-12-71

Ex.º e Rev.º Sr.

P.º Joaquim Domingues Gaspar:

Com os meus cumprimentos respeitosos, venho desejar-lhe santas festas do Natal, e para com todos que lhe são caríssimos. Como tenho tantos motivos para apresentar a minha gratidão, não são estas simples palavras suficientes para compensar o bem que tenho recebido.

Agradeço sempre muitíssimo em ter-me enviado a Voz da Fátima. Deus ajudará-me a cumprir o meu dever, para com os meus benfeitores espirituais. Nunca esqueço a bela alma de Monsenhor Marques dos Santos, rezando, e ofereço os meus sofrimentos de entrevada, fechada num quarto. De todos estes sofrimentos que Deus me envia e as minhas pobres orações também são oferecidas por V. de tudo quanto deseja para o seu mister sacerdotal.

Estava com muitíssima pena em não vir apresentar a V. os meus agradecimentos e os desejos festivos para que Jesus Menino recompense V. como tanto merece.

Pois sinto tanta alegria, quando recebo a Voz da Fátima, como será possível não vir agradecer? Seria uma grande ingratidão.

Despeço-me no amor de Jesus Menino, esperando a bênção de V. Rev.º, com as minhas saudações no amor de Deus, subscrevo-me

Deolinda Maria de Oliveira

Os meus livrinhos vermelhos

POSSA parecer estranho, os meus livrinhos vermelhos não têm capas vermelhas, nem expressam ideias sanguinárias.

São livros calmos, profundamente comedidos, arreigadamente pacifistas.

Neles não há velados propósitos de conquista violenta ou desejos evidentes de imposição duma doutrina. Com eles não se pretende alcançar seja o que for mediante a força bruta das armas, nem consideram qualquer poder que esteja na ponta dos fuzis. Não pretendem esmagar outros inimigos que não sejam o individualismo, o egoísmo, a falta de caridade e de solidariedade, a ignorância, as injustiças sociais, os poderes discricionários, as desigualdades, as compartimentações em castas, o desrespeito pela vida e pela liberdade humanas...

As suas palavras não servem um homem, um grupo, um partido, um país ou uma raça, mas pretendem servir todos os países e todos os homens livres, dignificados, responsáveis, herdeiros de todos os bens culturais, morais e materiais da Terra.

Os meus livrinhos vermelhos têm estranhos nomes latinos: «Mater et Magistra», «Pacem in Terris», «Populorum Progressio»... mas são escritos numa linguagem acessível a todos, moderna, actuante, que fala à inteligência, à sensibilidade, ao coração de todos.

Nas suas páginas há afirmações como estas: «Deus destinou a Terra

e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens da criação afluam com equidade às mãos de todos, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade»; ou «o homem só é verdadeiramente homem, na medida em que, senhor das suas acções e juiz do valor destas, é o autor do seu progresso, em conformidade com a natureza que lhe deu o Criador, cujas possibilidades e exigências ele aceita livremente»; ou ainda «a fome de instrução não é menos deprimente do que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado»; nelas se reafirma o direito que todos os homens têm ao respeito da sua dignidade, à liberdade na pesquisa da verdade e na manifestação e difusão do pensamento, dentro dos limites da ordem moral e do bem comum, bem como no cultivo da arte; o direito duma informação verídica sobre os acontecimentos públicos, de reunião e de associação, «bem como o de conferir às associações a forma que aos seus membros parecer mais idónea à finalidade em vista»; nelas se aconselham as iniciativas e práticas cooperativistas como meio de emancipação e de elevação económicas e sociais, em particular aos trabalhadores da terra «que se devem sentir solidários uns com os outros para dar vida a tais iniciativas e a associações profissionais ou sindicais, necessárias umas e outras para beneficiar dos progressos científico-técnicos na produção... para se colocar num plano

de igualdade frente às categorias económico-profissionais dos outros sectores... para fazer ouvir a sua voz no campo político e nos órgãos de administração pública».

Mas, paremos com as citações e deixemos àqueles que, porventura, lerem este modesto apontamento, o prazer e a utilidade de descobrirem, por si, a mensagem, tão magnífica como ignorada, contida nas páginas de ouro desses livrinhos vermelhos, cor do fogo, e do sangue, não do fogo que queima e destrói, mas do fogo que acalenta e anima; não do sangue derramado, mas do sangue que corre nas artérias do corpo vivo e saudável.

Sangue e fogo, fontes de Vida, da Vida como deve ser compreendida, amada e defendida.

Vida, plenamente humana, vivida por todos os homens «livres de servidões que lhes vêm dos homens e duma natureza mal domada; num mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã e em que o pobre Lázaro possa sentar-se à mesa do rico».

JOSÉ TRAVANÇOS SANTOS

N. A. — As três primeiras citações são transcritas da Encíclica «Populorum Progressio» de S. S. Paulo VI; a quarta foi transcrita da Encíclica «Pacem in Terris» de S. S. João XXIII; a quinta da Encíclica «Mater et Magistra», do mesmo Pontífice; e a sexta, de novo, da Encíclica «Populorum Progressio».

Centenário do Nascimento do Sr. D. José Alves Correia da Silva



O CORRE, no próximo dia 15 de Janeiro, o primeiro centenário do nascimento do Senhor D. José Alves Correia da Silva, que foi Bispo da diocese de Leiria, de 1920 a 1957. O Sr. D. José Alves Correia da Silva nasceu na freguesia de S. Pedro Fins, do concelho da Maia, diocese do Porto, no dia 15 de Janeiro de 1872. Foi o primeiro Bispo da diocese de Leiria depois da sua restauração. Nomeado Bispo em 15 de Maio de 1920, sagrado a 25 de Julho, fez a sua entrada solene em Leiria no dia 5 de Agosto do mesmo ano. Faleceu no dia 4 de Dezembro de 1957.

Foi notabilíssima a acção que realizou na diocese do Porto, como sacerdote, e, a partir de 1920, na diocese de Leiria, como seu Bispo. Bispo de Nossa Senhora da Fátima, o seu nome ultrapassa as fronteiras da diocese e da Pátria.

A diocese de Leiria promoverá condignas celebrações de evocação e de homenagem ao grande Bispo, durante o ano centenário. Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, nomeou uma comissão encarregada de promover essas celebrações, a que preside o Senhor D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar da diocese, constituída pelos Senhores Cônego Dr. José Galamba de Oliveira, Cônego Dr. Manuel Lopes Perdigo, P.^o António dos Reis,

P.^o Joaquim Domingues Gaspar, Dr. Carlos da Silva, P.^o João Vieira Trindade, D. Maria Benedita Oriol Pena Cordes Cabedo, D. Maria Rosa Pires Fonseca Coelho Pereira, Dr. Tomás da Câmara Oliveira Dias e Prof. Vítor C. Gonçalves.

Já se encontram elaboradas as linhas fundamentais do programa das celebrações.

No próximo dia 15 de Janeiro, aniversário do nascimento, realizar-se-á a abertura das comemorações, com uma concelebração na Sé Catedral de Leiria, às 18 horas, em que tomarão parte os sacerdotes diocesanos e representantes do clero religioso e em que estarão representados os movimentos de apostolado e todas as freguesias da diocese.

O dia 5 de Agosto, aniversário da entrada na diocese, será destinado a celebrações em todas as paróquias da diocese de Leiria.

As comemorações culminarão no dia 15 de Janeiro de 1973, a que se procurará dar particular relevo, com uma celebração litúrgica e inauguração duma estátua no Santuário da Fátima, da parte da manhã, e de tarde, em Leiria, com a abertura duma exposição e, à noite, com uma sessão solene.

Será cunhada também uma medalha comemorativa e será publicado, por motivo da passagem do centenário, um estudo sobre a vida e obra do mesmo Prelado.

Um Arcebispo a Caminho dos Altares

É com a maior alegria que damos aos nossos leitores a notícia, há dias vinda a público, da introdução da causa de beatificação e canonização do servo de Deus Manuel Mendes da Conceição Santos, que foi Arcebispo de Évora.

É que não se trata apenas de um Bispo da Santa Igreja ou de um Bispo português. O Senhor Arcebispo estava intimamente ligado à Fátima.

Celebrou ali a santa Missa pela primeira vez em Fevereiro de 1927.

Em 13 de Maio do ano seguinte, benze e lança a primeira pedra da Basilica, a pedido do Senhor D. José Alves Correia da Silva. Três anos depois, preside, no mesmo dia, à solene consagração de Portugal ao Coração Imaculado de Maria.

Em 1935, preside à solene transladação dos restos mortais dos videntes para o pequeno monumento do cemitério da Fátima.

A 13 de Maio de 1942, o Venerando Episcopado português cumpre o voto feito em 1936 e consagra, de novo, Portugal ao Imaculado Coração de Maria. A Juventude faz então a sua consagração especial. É o Senhor Arcebispo que preside.

Passados cinco anos, coroa, nesse mesmo dia, a Imagem Peregrina.

Recordamos a solene homilia feita em 1950 em que agradece na Fátima a peregrinação da veneranda Imagem por terras do Alentejo e Algarve.

gem por terras do Alentejo e Algarve.

E ainda a Pastoral de 15 de Setembro de 1951 a exortar os seus diocesanos a tomarem parte activa no encerramento do Ano Santo na Fátima, a 13 de Outubro seguinte.

Não contente com isto, obtém que o Venerando Prelado de Leiria benza uma imagem, solenemente coroada na Praça do Geraldo em 1954, e renova a peregrinação em terras da Arquidiocese. E tantas graças espalha a Senhora que ele lhe chama a grande Missionária do Alentejo.

Com os seus diocesanos vem à Fátima consagrar-Lhe a Arquidiocese inteira.

Nossa Senhora da Fátima estava-lhe sempre presente no coração e nos lábios. Não perde ocasião de recordar a sua Mensagem e de exortar os ouvintes a que cumpram os seus pedidos.

A terminar, bastará saber que, presidindo ou não, nem um só dia 13 de Maio faltou à peregrinação ao Santuário da Fátima.

O Senhor Dom José pagava-lhe com uma estima singular.

É por isso tudo que esta notícia nos alegra imensamente e vamos pedir ao Senhor que, dentro em breve, suba às honras dos altares quem tão apaixonadamente Lhe honrou a Mãe e se gastou a conquistar-Lhe almas para o Seu serviço.

O Padre

Jesus Cristo é o único sacerdote: Ele é que realizou o acto decisivo que salva o mundo.

Todos os baptizados formam uma raça real, um povo sacerdotal. São constituídos família de Deus para a acção da graça e a missão evangélica.

Mas não há povo de Deus sem homens votados, de corpo e alma, à causa de Cristo, por Ele enviados para o serviço do povo: pastores que testemunham, que anunciam a Boa Nova e convocam os homens a viver como povo de Deus.

São os padres.

Homem da oração, o padre é também o homem do Evangelho, o homem da missão, o homem que torna a Igreja «povo de Deus».

Essa missão de evangelização não está confiada unicamente ao padre; é toda a Igreja que é missionária. Todos os cristãos receberam este encargo: fazer que o mundo se torne verdadeiramente o Reino do amor de Deus.

O grande êxito do II Concílio do Vaticano foi o de nos ter reensinado que a Igreja não é simplesmente os padres, a hierarquia, mas primeiramente, mas antes de tudo, os cristãos que, pelo Baptismo, estão comprometidos numa imensa e original batalha da Criação Nova.

É Cristo quem salva. E todo o povo cristão apresenta e oferece o sacrifício da cruz e da ressurreição do seu Senhor. O baptizado torna-se membro dum povo que é sacerdotal.

Mas não há sacerdócio dos fiéis a não ser em povo constituído, convocado em assembleia eucarística, pelo sacerdócio do padre.

CARDEAL F. MARTY

Arcebispo de Paris